

Historia do Brasil

Correio das Artes

ANO I Número 15 SUPLEMENTO LITERÁRIO DE "A UNIÃO" Domingo, 3-7-1949



RESSURREIÇÃO DOS GENIOS

ORLANDO ROMERO

VICTOR Hugo observa que os grandes homens executam o seu próprio pedestal; o futuro encarrega-se da estátua. Em geral, durante anos os mais sublimados ideais, os pensamentos cintilantes, jazem soterrados nos fundos dos velhos arquivos, em obras esquecidas. Em dado momento, resurgem, voltam a iluminar gerações já bem distantes dos melhores dias em que foram revelados — da época em que os gênios sofreram, lutaram, viveram. O futuro sempre, mais dia ou menos dia, mergulha nesses tesouros empoeirados, recolhe tais preciosidades, e semeia a energia e o calor acumulados; os séculos imprimem movimento e ação atualizando-os por fitarem o mesmo alvo da alma humana em marcha para um futuro inatingível.

Esses pensadores geniais, quase sempre anônimos ou hostilizados quando tocavam em aurora a lira da cultura e do talento, sem ao menos suspeitarem, erigiam o pedestal de sua glória póstuma onde os homens do porvir colocariam a estátua correspondente aos seus méritos. E a argamassa preciosa, imprescindível à realização do feito, reside na genialidade, no estoicismo, no abandono de si mesmo em favor da humanidade. É o reconhecimento daquilo que é verdadeiramente indelevel a inteligência, o bom senso ou a virrude. O interessante é que esses homens quase nunca falavam de si mesmo. Se escrevi-

am, tudo era feito com parcimônia, simplicidade e modestia; falavam aos discípulos do centro para a periferia, de um mundo íntimo para o exterior. Os discípulos encarregavam-se de exaltar-lhes as virtudes e a sabedoria. O EU-CHARIDION não foi escrito pelo frígio Epiteto; a Arriano, seu discípulo, coube a tarefa. Talvez, por isso, quase nada sabemos de sua vida. Episódios esparsos são registados. Apenas ouvimos o estertor, os sussurros de uma alma de sábio; percebemos vozes entrecortadas, quase inaudíveis, de um homem que era um deus porque dominava as suas emoções enquanto o seu corpo vivia impiedosamente supliciado.

Semelhante espírito de resignação, diante de uma civilização indiferente às belezas da vida interior, e por isso moralmente agonizante, encontramos no pensador genebrino — Henri-Frédéric Amiel (Fragments d'un Journal intime, 1883-84). É fóra de dúvida que Amiel escrevia para satisfação íntima, para dar evasão ao turbilhão de coisas que violentavam o seu cérebro, todavia gozando de antemão o encanto de uma vingança contra os próprios instintos refreios. E as imagens borbulhavam, multicores, ora suaves ora violentas. A sua alma impressionável vislumbrava o belo onde ele se encontrasse. Descrevia as maravilhas da natureza, imperceptíveis à maioria dos mor-

tais, como que adotando o princípio de l'art pour l'art. "Le modeste jardin d'un presbytère, l'horizon étroit d'une mansarde, contiennent, pour ceux qui savent regarder et attendre, plus d'enseignement qu'une bibliothèque..." Quando a natureza primaveril festejava todas as cousas, encantando com as suas paisagens indescritíveis, Amiel sabia usufruir o verdadeiro gozo da vida, meditando e participando de sua ternura e de seu sol: "Mère des merveilles, mystérieuse et tendre nature, pourquoi ne vivons-nous pas davantage en toi?"

Amiel experimentava a intimidade dessa natureza inacessível e terna. A sua alma transmutava-se com ela. Se o outono mostrava-se cinzento e melancólico, ei-lo ensimesmado, vivendo a sua vida de reflexões sombrias: "Ciel tendu de gris et plissé de diverses nuances, brouillards traînant sur le montagnes de l'horizon, nature mélancolique. Les feuilles tombaient de tout côté comme les dernières illusions de la jeunesse sous les larmes de chagrins incurables". Nada explica melhor as nuances que se operavam em torno de Amiel que a expressão de seus pensamentos íntimos, que a observação particular da vida e de seus quadros. Não obstante prosseguia firme na sua faina, resignado, ofrendo e deleitando-se ante as transformações do meio ambiente, como se nada o impedisse de confessar-se à posteridade. Chega mesmo a encarnar o pinheiro resistente

Descobrimento da Poesia

DANTE MILANO

QUERO ESCREVER SEM PENSAR.
QUE UM VERSO CONSOLADOR
VENHA VINDO IMPRESSENTIDO
COMO O PRINCÍPIO DO AMOR.

QUERO ESCREVER SEM SABER
SEM SABER O QUE DIZER,
QUERO ESCREVER UMA COUSA
QUE NÃO SE POSSA ENTENDER

MAS QUE TENHA UM AR DE GRAÇA
DE PUREZA, DE INOCÊNCIA,
DE DOÇURA NA DESGRAÇA,
DE DESCANSO NA INCONCIÊNCIA.

SINTO QUE A ARTE JÁ ME CANSA
E SÓ ME RESTA A ESPERANÇA
DE ME ESQUECER DO QUE SOU
E TORNAR A SER CRIANÇA.

As vicissitudes ecológicas: "vigoureux, stoïque, éternelle jeunesse bravant le déclin". Por isso, tornou-se exquisito, Incompreensível a todos e a si próprio, confuso, inseguro. "Je suis demeuré partagé, perplexe, et j'ai oscillé entre les contraires". A sua alma cobria-se com as cores de seus pensamentos. Seus pensamentos acompanhavam o curso rítmico das estações: tristes no outono, alegres na primavera. A natureza desperta-lhe sentimentos e propósitos segundo as suas variações. Amiel encontrava suavidade na dor do anônimo, do mesmo modo que o escravo frígio, estoicamente, menosprezava os suplicios que infligiam ao seu corpo. De seu claustro interior, a sua alma vibrava ardente; no meio dos homens, embora arrefecendo o seu entusiasmo, cotejava-se frente a todos, exemplificando pelo modo austero de conduzir-se. Vemos o filósofo, alheio às questões e ao trivial, gigantêsco, imenso, quanto mais dele nos aproximamos.

A semelhança que se observa nesses homens que viveram duplamente, em corpo e em espírito, é por vezes extraordinária. E' que "sua concepção das cousas tem a grandeza nua dum templo sem símbolos e sem ornamentos", como diz Paul de Saint-Victor. Por vezes os confundimos malgrado a diferença de formação, da época em que viveram, e mesmo das condições sociais que os mantêm tão distanciados.

Avulta entretanto a idéia, a imaginação fértil a interiorização das faculdades geniais. Marco Aurelio, o imperador estoico, recolhendo-se com os seus pensamentos enquanto a soldadesca importuna o assediava, também entoava cânticos e louvores à natureza prodigiosa: "Tudo quanto te convém, ó Mundo, me convém a mim mesmo. Nada é para mim prematuro nem tardio quando é oportuno para ti. Tudo quanto me trazes nas tuas estações, ó Natureza, é para mim fruto saboroso. Tudo vem de ti, tudo está em ti, tudo entra em ti". Depois de tanta resignação, com o crepúsculo avizinhava-se o sofrimento íntimo. Num arroubo de panteísmo chegava mesmo a pedir a morte ou o esquecimento no Lethis profundo.

Esses sensitivos incomuns fazem-nos lembrar Fromentin (Les Maîtres d'autrefois) referindo-se ao pintor holandês: "Ruysdael peint comme il pense, sainement, fortement, largement".

Impossível às gerações modernas prestarem culto mais solene e mais grandioso que desvendarem os mistérios e as sutilezas que envolvem esses vultos. Cada dia eles crescem mais, irradiam-se as suas concepções, e tudo o que vier de futuro será apenas a efetivação do ideal sonhado por eles nos momentos em que a sua alma transfigurava-se à vista dos homens incapazes de compreenderem o fenómeno.

SINFONIA ANTIGA

EDMUR REGIS

O PIANO MURMURA
ESPARSAS NOTAS
QUE SE COMBINAM
COM A FRIA MELODIA NOTURNA
E PARTEM-SE
AO ENCONTRAR RAIOS LUNARES
QUE INVADEM O QUARTO.

AS SOMBRAS DA NOITE BAILAM
COMPASSADAMENTE
E UMA SINFONIA DO PASSADO
QUE AVANÇOU ATÉ O PRESENTE.
JÁ AS NOTAS CESSARAM
O HOMEM AO PIANO
NÃO OUVI, NÃO VÊ, NÃO FALA,
ESTÁ ABSORTO — TALVEZ MORTO
E A LUA ESCONDEU-SE NUMA ESTRELA
E TUDO É MORTE, TUDO DORME.



ILUSTRAÇÃO DE ALDO BONADEI PARA
UMA NOVELA DE DOSTOIEVSKY

A União

Fundada em 1892 Patrimônio do Estado
Diretor: SILVIO PORTO

CORREIO DAS ARTES

Orientação de EDSON REGIS

COLABORADORES

A. Accioly Netto, Aderbal Jurema, Afonso Felix de Sousa, Afranio Coutinho, Antonio Bento, Antonio Brayner, Antonio Franca, Bandeira Tribuzi, Bezerra de Freitas, Brito Broca, Carlos Romero, Celina Aguirre, Celso Otávio Novais, Clovis Assumpção, Clelia Silveira, Clovis Moura, Cyro Pimentel, De Castro e Silva, Djacir Menezes, Diernando Luna, Edmur Fonseca, Edson Nery da Fonseca, Eníco Camerini, Evaldo Coutinho, Fernando Ferreira de Loanda, George Mattos, Gilberto Freyre, Guerra de Holanda, Hamilton Pequeno, Haroldo Bruno, João Condé, João da Veiga Cabral, João Cabral de Melo Neto, José Paulo Moreira da Fonseca, José Lins do Rêgo, Juarez Batista, Léo Ivo, Lucila Miguel Pereira, Lopes de Andrade, Malaquias Abrantes, Mario Quintana, Manuel Bandeira, Manuel Diégues Junior, Maria da Saudade Cortezão, Nice Figueirêdo, Nilo Pereira, Orlando Romero, Otto Lara Rezende, Péricles Leal, Raul Lima, Reinaldo Moura, Sosigenes Costa, Tullo Hostilio Montenegro, Van Rogger, Wilson Chagas e Wilson Martins.

ILUSTRADORES

Arnaldo Tavares, Arpad Szenes, Augusto Reynaldo, Carlos Thiré, Cicero Dias, Fayga Ostrower, Helio Fenó, Hermanno José, J. Lyra, Ladjane, Pancefu, Santa Rosa, Van Rogger, Yllen Kerr, Wilson Rodrigues, Woller e Zuleno Pessoa.

CORRENTES CRUZADAS

AFRANIO COUTINHO

É GRATISSIMO a quem, como o signatário desta seção, defende a tese da preeminência de Silvio Romero na galeria de nossos críticos, encontrar o mesmo ponto de vista esposado, com o maior brilhantismo, por um crítico de gosto apurado e de aguda penetração como Roberto Alvim Corrêa. Em seu recente volume de ensaios literários, *Anteu e a Crítica* (José Olímpio Editora), o estudo que dedica a Silvio Romero é dos mais seguros e inteligentes e ficará com uma peça importante na revisão de nossos valores intelectuais.

"Deve reter-se é o fato de o grande saber de Silvio Romero ter levantado o problema da assimilação, na verdade o mais importante da cultura. Deixando-o encarar as nossas soluções **brasileiramente**, a **faculdade de assimilação** no grande erudito ajudou-o a ser o nosso maior investigador da coisa literária, sociológica e histórica. Bem como seu renovador, o homem que acordou e revolveu o espírito crítico, como o camponês lavra a terra para lhe dar e vida". R.A. Corrêa. *Anteu e a Crítica*, p. 254.

Coisa que se impõe entre nós é a publicação, após competente formulação, de um manual de convenções gráficas. Quem quer que tenha experiência de trabalho editorial sabe a dificuldade que se lhe depara no que tange ao bom e coerente uso dos sinais gráficos e à uniforme distribuição da matéria escrita na página e no livro. Lutamos os que escrevemos e imprimimos no Brasil com a ausência de um corpo de normas e regras tipográficas. Pelo menos nada há escrito ou compilado de maneira uniforme e sistemática. Sem

dúvida existe uma tradição oral vigente entre os mestres do ofício tipográfico. Mas não há fixação dessas regras num corpo coerente, e muito menos, que se saiba, publicação delas em livro.

Examine-se, por exemplo, um livro de bibliografia luso-brasileira. Notar-se-á a maior arbitrariedade, a maior discrepância no que concerne à apresentação e à distribuição da matéria. Não há uniformidade no uso de tipos, aparecendo os títulos de obras ou artigos ora em itálico, ora entre aspas, quando não sob as duas formas. Em nossos livros, as notas são colocadas desorientadamente no texto, no pé da página ou no fim do volume; as citações, por sua vez, não obedecem a qualquer sistema, e aqui também o uso do itálico ou outro tipo entremeia-se com o emprego das aspas. As notações gráficas sintáticas mostram-se inteiramente independentes de qualquer sistema, os sinais de pontuação, sobretudo quando se encontram, mostrando o maior desapego de convenção ou regras.

Dir-se-á que é de somenos tal problema, e que não cabe ao escritor cuidar dele,

que não é assunto digno de sua atenção. De fato entre nossos escritores vigora o mais soberano desprezo por tais preocupações comezinhas, mais um exemplo de nosso culto romântico da individualidade e da inspiração pessoal livre de regras e disciplinas. Certamente parecerá mediocre afirmar a importância de tal problema para o escritor. Mas esse é um aspecto da disciplina geral da redação a que há de submeter-se, e cumpre à escola cuidar de inculcar-lhe desde cedo o respeito por essas convenções.

Quanto aos profissionais da tipografia e do trabalho editorial, será incorrer em truismo afirmar sua dependência absoluta de tais normas. Infelizmente sua condição entre nós no particular é trabalhar no escuro, guiados pelo instinto, pela tradição ou pela experiência adquirida no trato diuturno dos problemas que surgem e para os quais afinal conseguiram com o tempo opor um sistema pessoal de regras. Onde colocar a vírgula ou o ponto, dentro ou fora das aspas? E os parêntesis quando problemas oferece seu uso? E o travessão? E as citações?

Em linguas estrangeiras, há uma série de volumes — a bibliografia anglo-americana no assunto é vasta — cada qual mais bem feito. Em regra, as tipografias americanas, mormente as universitárias, publicam volumes onde expõem as regras que adotam. Em certos cursos, os professores dão uma ou duas aulas expondo os métodos de redação e composição, visando as teses de doutoramento, e então fornecem as normas para os diversos casos. Há folhetos publicados pelas universidades nos quais se ensinam as regras de redação e composição de teses. E há os que estabelecerem normas para as edições críticas e publicações de documentos e obras antigas.

E' fora de dúvida que existe uma tradição tipográfica luso-brasileira e a ela teremos que recorrer para a fixação de nosso código de convenções gráficas. Não podemos copiar simplesmente o trabalho dos outros povos. Mas temos o direito de imitar-lhes a lição, tirando deles o que for adaptável à nossa tradição, fazendo um levantamento desta última, e reunindo tudo num corpo de normas para escritores e tipógrafos. O essencial é que se uniformize o assunto, que se crie um código coerente e global.

Porque não se reúnem nossos institutos culturais, a Biblioteca Nacional, o Instituto do Livro, a Imprensa Nacional e outros similares, organizando-se uma comissão de escritores técnicos tipográficos e editoriais, revisores, e estudiosos do assunto, com o intuito de proceder ao levantamento da tradição luso-brasileira e formular nosso código de convenções gráficas? Esse é um trabalho só realizável por equipe, trabalho de bom senso e cooperação.



CORO DOS ANCIÃOS

(Da tragédia ÉDIPO-REI, de Sófocles)

VERSOS ADAPTADOS POR JOSÉ LAURENIO DE MELO

Ilustração de Eros GONÇALVES

I

Ó fúria dos oráculos insondáveis!
Sobre quem recairão os desígnios de Delfos?
Quem, com mãos ensanguentadas,
Enendrou o indivizível do indivizível?
Ó silencioso concêrto de maldições!
Que a hora da fuga precipite seus pés
Com a vertigem dos corcéis desesperados.
Quando, em meio a tempestade,
São arrastados para as regiões do abismo,
Já o persegue o filho de Zeus
— destra armada de fogo e raios —
Seguido pelas iradas e irrestíveis Parcas.

II

Do Parnaso, daqueles altos cumes nevados,
Vibrou aos desatentos ouvidos humanos
Uma voz de substância implacável,
Ordenando perseguir o miserô culpado.
Desde os recônditos sombrios dos bosques
As resvaladiças pontas dos penhascos.
E como um touro, maldito e solitário
Tangido por malignas trevas,
Em vão calcula e mede seus passos,
Que jamais o afastarão do Píton central,
Cujos oráculos sempre renovados
Sobre ele circulam lentamente.

III

As palavras do adivinho foram inapeláveis.
A mim não é dado confirmá-las ou destruí-las.
Não sei o que dizer. Sinto-me confundido.
Existe o presente e eu não o entendo.
Assombra-me o futuro com noturnos preságios.
Fatais origens conjuraram-se no leito dos Labdácidas!
Os ouvidos inclinei ao passado e ao presente
E nunca ouvi tão desastrosos rumores

IV

Habita a paz no coração daquele que aceita
De Zeus e Febo as verdades reveladas.
Mas, à mente sobressaltada de um homem
Não devo cingir-me sem constrangimento.
Em meu espírito ainda não penetrou a claridade.
Não posso aceitar as razões daqueles que o condenam.
Ó Tebas! E' muito cedo para julgar o Rei Édipo.
Quando contra ele se voltou a Esfinge.
Desafiando-o com a face do enigma,
Diante de todos deu prova de sabedoria,
Libertando a cidade dos pesados tributos.
Sobre ele jamais cairá minha condenação.



Pequenas Informações Melhoramentos

— G OETHE. No próximo 28 de agosto transcorre mais um centenário do nascimento de um dos maiores gênios da humanidade: Johann Wolfgang Goethe. Em todo o mundo culto, inúmeras solenidades estão sendo preparadas para comemorar esse aniversário que é também um marco luminoso na história das grandes obras criadas pelo homem. Integrando-se a essas comemorações as "Edições Melhoramentos", em colaboração com o Instituto Hans Staden de São Paulo, publicarão duas das mais celebradas obras do mestre: as tragédias "Clavigo" e "Estela".

— Na série "Conquistas da Humanidade" as "Edições Melhoramentos" acabam de publicar mais um interessante livro sob o título "A História do Ouro", autoria de Maud e Miska Petersham.

— O ano corrente assinala também o centenário de Joaquim Nabuco, inolvidável estadista e patriota de largos serviços prestados à Nação. Comemorando esse evento as "Edições Melhoramentos" confiaram à própria filha do grande brasileiro o preparo de um estudo biográfico onde, por certo, surgirão inúmeros ângulos novos para o estudo de tão forte personalidade.

— A Cartografia do Estado de São Paulo acaba de ganhar mais um excelente elemento de estudo com o recente Mapa do Estado de São Paulo, publicado pela Companhia Melhoramentos de São Paulo.

— Para o próximo mês, em edição de luxo, ricamente ilustrada, "Edições Melhoramentos" anunciam "Salambô", de G. Flaubert, considerado um dos dez maiores romances de todos os tempos e literaturas.

A VIDA PRIVADA DOS GRANDES ESCRITORES

Gide, Agente do Diabo

Paul Claudel, Missionario

SANDRO LEONE

3 DE SETEMBRO DE 1881: um garoto, voltando da escola, precipita-se chorando nos braços da mãe e lhe diz: "Mãe, eu não sou como todos os outros". Aos onze anos, André Gide encontrara a sua carreira.

Encontrar Gide e ver aflorar á mente a imagem que se fez de Oscar Wilde é só uma coisa; e não só pela sua reconhecida inversão, ou pela maneira extravagante de vestir-se (embora não ande pelas ruas de Paris com um lírio na mão, como fazia em Londres o autor do *Retrato de Dorian Gray*), ou pelas suas incongruências em

política e em religião (declarou sentir-se ao mesmo tempo capitalista e proletário, ateu e cristão; alternou as viagens a Moscou com a permanência nas capitais ocidentais; seus autores preferidos são Calvíno e Santo Agostinho), mas, sobretudo pelo imenso, sinceríssimo desprezo que professa por todos os seus semelhantes, a começar por si próprio.

AOS 78 anos, após ter ganho o ano passado o prêmio Nobel, é seguramente o mais famoso e o melhor dos escritores franceses vivos; mas é também o homem que na vida privada mais tornou infelizes todas as pessoas que o amaram e que dele se aproximaram.

A primeira foi sua prima Emanuela, com quem se obstinou em casar, embora sabendo-se tuberculoso e incapaz de sentir qualquer atração física pelas mulheres; mas desde a primeira noite de nupcias até á sua morte, faz agora dez anos, Emanuela, esposa somente de nome, continuou a amá-lo e a protegê-lo. "Conhecia a sua perversidade moral, e a minha alma se refugiou em Deus; mas não podia deixar de amá-lo, disse um dia; e na última página da sua autobiografia, Gide escreveu: "Um destino perverso quis o casamento do céu com o meu insaciável inferno".

Por causa dos seus vícios, Gide julgou sempre ser cá na terra uma criatura infernal. Do diabo disse um dia, que se não conseguia acreditar nele, era por não estar certo de poder odiá-lo como odiava os homens. Mas num seu "diálogo satânico", faz com que Belzebú lhe dirija estas palavras: "Como eu e

tu nos conhecemos bem! Que ótimos amigos poderíamos ser!" O que não o impede de professar-se cristão; e de acreditar ao mesmo tempo na metempsicose. É, todavia, um pecador que se pode salvar, porque o seu ceticismo é feito de orgulho e medo. Ao filósofo católico Jacques Maritain, que lhe pedia para rezar para que Deus lhe desse fé, Gide respondeu: "Vivi muito tempo pensando em Cristo para que hoje possa dirigir a Ele, como se chama um amigo ao telefone, quando se precisa de um favor. Antes de chamá-lo, devo pôr o meu espírito em condições de ouvir as Suas palavras".

EM lugar do cristianismo, Gide abraçou, como religião universal, o comunismo. E fervoroso marxista e leninista permaneceu até 1936, quando foi a Moscou para fazer o discurso funebre a Máximo Gorky. De volta da Rússia, não era mais comunista, e escreveu *De Volta da URSS*, que foi o seu maior sucesso livreiro e ex-comunhão de Moscou. Dez anos depois, os comunistas tentaram vingar-se, procurando mandá-lo condenar á morte por colaboracionismo: acusação completamente infundada, pois deixara a França antes da chegada dos alemães e passara os anos da ocupação numa aldeia perto de Tunis, onde terminou a tradução de Hamlet e aprendeu de cor as fábulas de La Fontaine.

Agora vive no seu elegante apartamento á margem esquerda do Sena, junto com a escritora octogenária Maria Van Ryselberghe. Está doente do coração, mas levanta-se todas as manhãs ás seis e

trabalha até ás nove, sozinho, depois com um secretário (nunca admitiu passoal feminino) até ao meio-dia. Tira uma soneca depois do almoço, e a seguir, trabalha até ás cinco. A essa hora, chegam os poucos amigos que souberam resistir á sua maleficência e Gide joga uma partida de xadrez. Quando não consegue ganhar faz trapagens; e se o adversário não finge perceber, pode estar certo de que na próxima ocasião a casa do escritor permanecerá fechada para ele. Deita-se ás dez e antes de dormir lê a *Eneida* no texto original e faz apontamentos para o seu *Diário Intimo*, no qual escreve reflexões como esta: "Cheguei a compreender que não se pode ser somente prisioneiro do diabo. As forças do Mal exigem que a gente se bata por elas; e é-se obrigado a combater ao outro exército, contra o de Cristo".

Todavia, quando ás vezes resolve sair á noite, com a sua capa de veludo preto, pára sempre alguns minutos, em silêncio, diante de uma igreja. Depois desaparece pelos becos escuros de Paris; e a ninguém é permitido acompanhá-lo.

25 DE DEZEMBRO DE 1886! Um rapazinho, que entrou por curiosidade no templo de "Nome-Dame", onde se está oficiando a missa da meia-noite, cai de joelhos, por trás da segunda pilasira do templo, e exclama chorando: "Senhor, servir-te-ei". Aos 17 anos, Paul Claudel recebera a Graça e encontrara a sua carreira.

Da sua carreira diplomática, ficaram-lhe num baú os uniformes de embaixador; e muito se abor-

As Condições Ambientantes

EDSON REGIS

I

SEM nomes, como ainda ocultos astros, rolando no asfalto vão os homens.

Uns, operários que jamais da flauta se utilizaram: seu canto é de ferro

Outros, do edifício suspeitam: a vida lá em baixo criando tragédias.

Há muitos anos, todos integrados em profundo silêncio, se achavam na planície.

Aos poucos as estátuas nasceram. Noite e dia — um poço insondável — e um leito rústico.

receu, o ano passado, quando finalmente se lhe abriram as portas da Academia, por não poder transformar o fardão de embaixador no de acadêmico. "E pensar — disse — que é daquela ótima fazenda de outrora, que não se encontra mais". Conseguia, entretanto, economizar o chapéu, que é o mesmo modelo tanto no Quay d'Orsay como na Academia.

"Porque — perguntou ironicamente no primeiro dia em que pôs os pés — não se institui na Academia um lugar para alugar os uniformes, como se faz com os trajes de noite?" Era algo para os seus colegas acadêmicos, pois não esqueceu que eles, há onze anos, o reprovaram, preferindo Claude Farrère; e recentemente escreveu que a maior parte dos mesmos não conhece o francês. Julgamos que seria sincero, mesmo porque não reconhece o direito à imortalidade, senão a quatro escritores franceses: Verlaine, Rimbaud e Balzac. Mas a sua maldade é famosa.

UM dia, esquecendo os princípios cristãos, escreveu: "Senhor, tudo o que te peço é uma casinha num bosque, um jardimzinho, um pouco de pão, a manteiga na mesa, e ver enforcados todos os meus piores inimigos nas árvores diante da casa".

Se alguém lhe fala nisso, reconhece não ser coretez. "Mas — justificase — a religião me obriga a dizer sempre a verdade. E depois, os piores insultos são os elogios, não as injúrias". Nunca quis falar de Sartre e do existencialismo no seu jornal, até que um dia, a isso constrangido, desobrigou-se com quatro palavras: "Sartre: eis o inferno".

GOSTARIAMOS de falar de outro romancista francês, Romain Rolland mas morreu não faz muito tempo, e o nosso inquérito refere-se somente aos escritores vivos. Sejam,

entretanto, permitido lembrar que, tal como Gide, Romain Rolland era um ateu convicto. Entre os amigos que o foram visitar, já quase agonizante, estava Paul Claudel, o qual pediu para que o deixassem só com o moribundo. Ninguém sabe o que conversaram, mas meia hora depois Romain Rolland

pediu um padre e morreu após ter-se confessado.

"Foi o meu mais belo romance" disse Paul Claudel. Quem sabe se não conseguirá escrever outro, quando também para o satânico Gide chegar a hora de ir ao encontro do diabo, que amou, ou de Deus, que temeu? (Ipê).

DESTINO

LUIS HUGO

O VENTO da noite destolvava a praça, e varria o banco que o homem dormia. E sem lar, sem pão, sem nada, olhava para o céu que era belo e vasto.

A noite foi, ficou o vento, mas do céu não veio nada.

Ainda hoje o homem das calçadas dorme na praça destolvada olhando para o céu que não vê as calças rotas dum vagabundo.



DESENHO DE FAYGA OSTROWER

Noticias

VIDA DE JOAQUIM NABUCO

A UNIVERSIDADE de Stanford, na Califórnia, vai publicar uma tradução inglesa da VIDA DE JOAQUIM NABUCO, de Carolina Nabuco, como contribuição às comemorações do centenário do grande escritor brasileiro.

"A ESTRELA SOBE"

O CIRCULO LITERARIO DO BRASIL escolheu para distribuir aos seus socios, o livro de Marques Rebelo: A ESTRELA SOBE.

Marques Rebelo reflete, nesse livro todo o seu poder de ficcionista, a par de um lirismo novo e sóbrio.

A L'OMBRE DES JEUNES FILLES EN FLEURS

ESTE é o título de mais um livro de Proust a ser traduzido para o português pela Editora GLOBO.

A tradução foi entregue ao poeta Mario Quintana.

CONSELHO

ALUISIO MONTEIRO

OLHAI O FRACASSO IRMAO! NUNCA ESQUEÇAIS OS CAMINHOS FLORIDOS QUE DEIXASTES PARA TRAZER

OLHAI AS ESTRADAS SANGRENTAS ONDE MIL CORPOS TOMBARAM DA LUTA VA E DA DESILUSAO

RECORDAI AS IMAGENS TAO BRANCAS E TRANSFIGURADAS DAS AMADAS QUE SE FORAM E ESQUECEIAS IRMAO, ME LEMBRANDO DELAS...

NAO ADORMEÇAS IRMAO! OLHAI O FRACASSO DAQUELES QUE PISARAM AS ROSAS BRANCAS JA MORTAS PELO TEMPO,

"Na Espadana Branca"

UM INIMIGO DOS LIVROS

A LITERATURA conta, hoje em dia com muitos inimigos gratuitos, inimigos rancorosos, cujo sorriso é amargo demais para encobrir a magua e o despeito contra a inofensiva arte, que tentaram abraçar.

Tive o prazer de encontrar, certo dia, um desses inimigos das letras, à porta de uma livraria da cidade.

Remexia as prateleiras, à cata de alguma novidade, quando o homem chegou.

Foi logo dizendo, numa superioridade de fazer medo: — "Você ainda compra livros? Literatura não bota ninguém pra diante não".

Sem dúvida, repetia uma grande verdade, tão conhecida neste grande país. Literatura não enche bolso de ninguém. A mesma coisa pensa o dono daquele armazem de secos e molhados para quem a leitura é um perder de tempo.

Em seguida, ouço-lhe esta confissão dolorosa, capaz de comover o mais duro coração: "Tive este sonho... Li muito. Nada lucrei".

Creio que o meu amigo é muito egoísta, muito ambicioso em pensar assim. Se ele, algum dia, procurou a literatura para enriquecer-se, para obter alguma

vitoria material, errou redondamente. Deveria ter procurado outro caminho da vida, se o interesse que alimenta no peito é o prestígio, o dinheiro, o automóvel, a cadeira do senado ou da câmara.

Os verdadeiros leitores são aqueles que nada exigem da literatura, a não ser esse contato espontâneo com a beleza, esse prazer indefinível, essa intimidade repousante com as grandes ideias.

Devemos procurar a leitura sem o intuito de sermos escritores, de vitoriar-mos nas letras, de alcançarmos uma posição de relevo na vida cultural. Enganam-se os que pensam o contrário.

O meu desencantado amigo julgava que, lendo os seus volumes, amanheceria um dia, escritor famoso. Como não realizou este sonho, sai pelas esquinas, ensaiando um riso amargo, artificialmente superior, murmurando cheio de revolta contra a literatura.

Para ele não existe a leitura despretensiosa, a leitura como recreio do espírito, onde entramos no convívio dos grandes pensamentos, sem o objetivo imediatista de sucesso e de glória.

CARLOS ROMERO

"JORNAL DE LETRAS"

OS suplementos literários do sul do país estão comemorando com entusiasmo o próximo aparecimento do JORNAL DE LETRAS, dirigido pelos irmãos Condé.

O novo mensário de cultura trará em suas páginas, farta colaboração dos mais expressivos nomes das letras brasileiras, tanto da velha como da nova geração. Destacam-se nesse primeiro número

os trabalhos de Alvaro Lins, Rubem Braga, Augusto Frederico Schmidt, Haroldo Buarque, Maria Julieta Drummond e Afonso Felix de Souza.

"REVISTA BRANCA"

ENTROU para o prelo o sétimo número da vitoriosa REVISTA BRANCA que apresentará como sempre boas colaborações dos novos valores da nossa literatura brasileira.

"PRESENÇA"

A se acha em circulação, em Recife, o último número da revista literária PRESENÇA, dirigida pelo escritor Barros Lima.

Neste número colaboram Silvino Lopes, Camara Cascudo, Jordão Emerenciano, João Vasconcelos, Baltazar da Câmara e outros escritores do nordeste.

HUXLEY NO CINEMA

DULCINA e Odilon programaram a representação da peça de Aldous Huxley: SORRISO DA GIOCONDA, em tradução de Odilon.

SIGRID UNDSET

OS jornais do sul registam a morte da grande escritora norueguesa SIGRID UNDSET, uma das figuras distinguidas da literatura contemporânea.

Em 1928, Sigrid Undset foi contemplada com o Premio Nobel de Literatura, apontando-se como suas principais obras: A ESPOSA FIEL, HOMENS MULHERES LUGARES e IDA ELISABETH.

ATIVIDADES DE SIMEÃO LEAL

À FRENTE do SERVIÇO DE DOCUMENTAÇÃO, do Ministério da Educação, o escritor Simeão Leal, depois de publicar Arquivos e Cultura, incluiu em seu plano de trabalhos a publicação mensal de um boletim informativo sobre a vida artística e literária do país: está organizando uma série de pequenos estudos, com farta ilustração, sobre artistas brasileiros, bem como uma outra em que deverão ser focalizados, por autores de reconhecida especialização, temas gerais da cultura brasileira, nos seus mais variados aspectos.

"ULISSES" EM PORTUGUÊS

OS leitores do Brasil vão conhecer, se ainda não o conhecerem no original, o grande livro de James Joyce — ULISSES, obra esta que vem sendo discutida com muito entusiasmo em nossas rodas literárias.

A tradução, ainda não sabemos a quem foi confiada.

EL CORREO

RECEBEMOS o número 10 do jornal EL CORREO, publicação da Organização das Nações Unidas para a educação, a ciência e a cultura.

O número em apreço é referente a novembro do ano passado.

"MOLEQUE"

SIMEÃO LEAL acaba de remeter para os NOVOS da Paraíba a capa da revista literária MOLEQUE, confeccionada pelo pintor paraibano SANTAROSA.

Trabalhando vagarosamente, os dirigentes de MOLEQUE, estão dispostos a associar-se ao atual movimento de libertação literária das províncias.

OPINIÃO DE MANUEL BANDEIRA

NA opinião do poeta Manuel Bandeira, os dez maiores romances universais são os seguintes: DOM QUIXOTE, de Cervantes; ULISSES, de James Joyce; MOBBY DICK, de Herman Melville; VIAGENS DE GUILLIVER, de Swift; OS IRMÃOS KARAMAZOV, de Dostoiévsky; GUERRA E PAZ, de Leon Tolstói; LA CHARTREUSE DE PARME, de Stendhal; A PASSAGE TO INDIA, de E. M. Forester; A LA RECHERCHE DU TEMPS PERDU, de Proust; ALICE NO PAIS DAS MARAVILHAS, de Lewis Carol.

Uma Exposição de Paulistas

FLAVIO DE AQUINO

EXPOSIÇÕES de arte contemporâneas sucedem-se no Rio de Janeiro. Se não são todas perfeitas, atestam, no entanto, a vitalidade e a importância do movimento moderno no Brasil.

Após a exposição do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, a exposição da "Sul América" e a realizada no Museu de Belas Artes com obras de Utrillo e Marie Laurencin, o ano artístico enche-se com mais uma mostra de importância: a exposição a inaugurar-se no próximo dia primeiro deste mês no Ministério da Educação e Saúde, sob patrocínio daquele Ministério, a exposição dos pintores paulistas.

São Paulo e Rio de Janeiro, os dois maiores centros de arte do país, mantiveram-se quase sempre alheios e antagônicos. A crítica e o público pouco sabiam dos artistas de lá e vice-versa. Quando muito uma tela no Salão Oficial, um desenho, uma reprodução numa re-

vista. Só referências vagas, elogios distantes, clichês mal feitos, um ou outro quadro na profusão anárquica dos Salões. Sómente Segall honrou-nos em 1943 com uma visita, por sua vez, Portinari realizou sua primeira exposição em São Paulo no ano passado.

De São Paulo conheciamos muitos nomes, mas poucas obras. Nos últimos anos a luta entre os dois centros tornou-se mais acirrada e até em arte o regionalismo fazia a sua entrada. No Salão Oficial as remessas diminuíram, a abstenção tornou-se quase total. Se o nosso julgamento antes já era falho sobre as verdadeiras possibilidades da pintura moderna feita em São Paulo devido à exiguidade das telas exibidas, tornou-se então quase impossível.

Nem os artistas cariocas, nem os paulistas podiam, entretanto, ser considerados culpados disso. Era, tão só, consequências de causas mais profundas. Mesclavam-se aí

a política, as revoluções, as condições de vida e até — quem sabe? — o futebol. Mas entre os artistas, em si, havia relações amigáveis e desejos de intercâmbio. Faltava, apenas, uma entidade mais forte, uma organização mais profunda e coordenada para que tudo começasse. A criação do Museu de Arte de São Paulo e a do Museu de Arte Moderna da mesma cidade eram capazes disso.

E os paulistas começavam. Primeiro veio a exposição da "Sul América", para a qual correriam as coleções daqueles dois Museus, agora vem a exposição dos pintores paulistas. Uma realização em que os melhores nomes da sua pintura virão representados. Devemos acolhê-los com carinho e procurar fazer com que esta iniciativa não fique estéril enviando, nós também, para

São Paulo uma exposição de cariocas. E um intercâmbio fecundo terá início.

Com esta coletiva do Ministério da Educação teremos uma visão panorâmica, estaremos aptos a realizar uma apreciação mais justa e a admirar mais alguns pintores brasileiros.

Virão telas de Mário Zanini, Aldo Bonadei, Alfredo Volpi, E. Di Cavalcanti, Mick Carnicelli, Clóvis Graciano, Lúcia Suané, Iolanda Mohaly, Fulvio Pennacchi, Francisco Rebello, Nômia, Flávio de Carvalho, Luci Citti Ferreira, Quirino da Silva. E virá um pintor popular de nome popular — José Antonio da Silva — com 65 telas que nos darão, sem dúvida, a medida da sua arte.

Lamentamos, somente, a ausência de Lazar Segall, do qual há muito tempo não vemos a arte admirável e lamentamos, também, que a escultura paulista moderna não se faça representar, pois, exceto Brechete, até seus nomes nos são hoje desconhecidos.



O escritor francês Pierre Descaves chez Drouant (Desenho de R. Pagés)

POEMA

SEBASTIÃO CINTRA

ENVOLTOS NA BRUMA
DAS PLAGAS DO FRIO
HÁ CORPOS DE NEVE
QUE A GUERRA DOS HOMENS
MEDONHA FILHOU

E UM MEIGO SEMBLANTE
DE DEUSA VELADA
TAO SUJO DE POLVORA
EM MEIOS AOS ESCOMBROS

E AS PASTAS SEDOSAS
DE SOLTOS CABELOS
TANGIDAS A-TOA
A BRISA FUNEREA

EM MEIO AOS ESCOMBROS
HA MAOS DE MARFIM
LIVIDAS E FRIAS
— CARICIAS DE LIRIOS
DESVELO, AFA...

ESTRANHAS VISOES
QUE O TEMPO DEIXOU

REMOTA ILUSAO
DAS HORAS FELIZES
QUE O HOMEM DA GUERRA
ROMPENDO O SEU FADO
SUAS HORAS FELIZES
DA VIDA ACABOU...

UM MEIGO SEMBLANTE
DE DEUSA VELADA
TAO SUJO DE POLVORA
EM MEIO AOS ESCOMBROS

ESTRANHAS VISOES
QUE O TEMPO DEIXOU



Gravura de Springer para EUPALINES, de Valery

PROBLEMAS DO LIVRO

RAUL LIMA

O livro anda perseguido como um réprobo. Primeiro, o aumento nas taxas de reembolso postal, depois a inclusão entre os artigos cuja importação é sujeita à licença prévia. Se a notícia de dificuldades semelhantes serve de consolo, vejamos o que se passa na França. Em crônica no "Le Figaro", Pierre Chaulaine afirmava, há algumas semanas, que a indústria do livro sofreu em França uma grave crise, da qual a principal causa é o aumento exagerado das tarifas postais.

Assinalava que o editor francês está impedido de enviar um exemplar de suas novidades às livrarias — que são 7.500 no país — pois isso lhe custaria, desde logo 800.000 francos. Como o livreiro não toma a iniciativa da encomenda, o resultado é a diminuição efetiva da difusão da cultura. Aqui, o espetáculo de livrarias que abrem falência, a redução dos lançamentos editoriais, o esforço e os novos processos de venda do livro são indícios impressionantes da crise. Dada a exiguidade da nossa rede de livrarias, a elevação da taxa de reembolso postal seria especialmente danosa. Assim, também, tornar o livro que desejamos adquirir no estrangeiro dependente de licença prévia de importação. Da mesma França, por exemplo, porventura nossa maior fornecedora de literatura, recebemos anualmente apenas uns dois mil e tantos contos, pagáveis em moeda franca. Numa crônica primorosa, Rachel de Queiroz já descreveu, certa vez, o que é requerer licença prévia e o absurdo de aplicar a livros esse sistema de controle. Os senhores legisladores, que se mostram suscetíveis a problemas menores da cultura, talvez evitem esse novo prejuízo.



Uma das ilustrações de SANTA ROSA para CRIME E CASTIGO de Dostóievsky

POESIA PURA

CEZÁRIO DE MELLO

A POESIA, tomada em seu sentido verdadeiro, não se condiciona a formas, medidas ou regras preestabelecidas.

"Poesia pura é — nos diz Henri Brémond — a presença, a irradiação, a ação transformante e unificante de uma realidade misteriosa", mensagem de "estado de graça" do poeta à sensibilidade humana, um convite à sensação do belo. "An awful warmth about my heart, like a load of immortality" — na definição perfeita de Keats.

Se assim é, só muito dificilmente se conseguirá a sua integral comunicação, sujeitando-a aos estreitos limites de caixilhos ou figurinos preconcebidos. Está com a razão J. Boulanger quando acentua — "há belos versos que não são poéticos... pois nem a

eloquência... nem, sequer, somente a beleza da imagem, constituem o caráter propriamente poético do verso".

Não deixamos de reconhecer que, dentro da muralha chinesa da poesia parnasiana, há poemas de profunda intensidade poética, manifestando, em verdade, o "estado de graça" de seus autores. O que reprovamos, é a disciplinação formal de sua poética pondo dificuldades quase intransponíveis à "passagem dessa misteriosa corrente", a comunicação desse idioma diferente dos outros, idioma onde as palavras, através de seu sentido usual, revelam um novo, inédito, superior, sobrenatural e necessário sentido.

O poeta não constrói. Nem mesmo como lapida-

dor deve realçar a sua obra, melhor diria a obra de que se torna intérprete. Ele unicamente transmite a mensagem captada em sua "mediunidade" poética, quando, tocado em sua sensibilidade e emoção, pela beleza da natureza ou de seu estado de angústia. Sua poética é a manifestação do "inefável" e do "inexprimível" — na exigência categórica de Rainer Maria Rilke.

Acentua Henri Brémond — "os movimentos da poesia não são os da razão". Como se quer limitar esses movimentos que divergem dos da razão, equacionando-os nas estreitas formas do racionalismo da poetização parnasiana?

Poesia pura é inspiração e não fabricação. "A própria poetização das imagens se opera mais ou me-

nos inconscientemente no poeta" — assevera Jean Kyier.

Faltam razões aos parnasianos e clássicos quando negam, a péis juntos, completa ausência de poesia na poética moderna. Desconhecem que foi a prática imoderada e ortodoxa das formas, das medidas e das regras inflexíveis, imbuídas de um utilitarismo revoltante que — "levou o homem a aviltar o poema, servindo a um interesse, para o qual não existe forma alguma e que mata a vida ao matar a beleza" — como reconhece Robert Souza.

Se bem que a atual renovação da poesia se originasse do movimento literário que a história chamou de "modernismo", ela apenas refletiu as fontes puras do seu longo passa-

do. Um poeta brasileiro de mérito ao estudar o movimento revolucionário da poesia concorda que — "a final do que se convencionou chamar de **"modernismo"**, reação anti-panasiana na poesia; anti-romântica; anti-clássica; "revolucionária"; ficou inequivelmente um novo processo de comunicação e uma acentuada tendência subjetiva na realização estrutural do poema.

Mas, de certa forma, este novo processo, é velho, é "bíblico" e não é difícil mesmo se caracterizar a identidade do "lirismo expressionista" dos versículos brancos e assimétricos do Novo Testamento, com os versos arbitrários dos poetas ditos modernos".

Essa volta às fontes puras do seu passado não foi propriamente uma atitude arbitrária do movimento modernista, tomado em seu sentido revolucionário, porém, a exigência da poesia pura em se libertar das muralhas chinesas da formalística panasiana, a fim de que a sua voz tra-

duzisse, em toda plenitude, o "inevitável" e o "inexprimível".

"Poesia pura é um chamado do interior, um peso confuso" — na apreciação de Wordsworth. A presença de uma realidade misteriosa ontevista e transmitida pela emotividade do artista. Daí, os mais belos versos, os poemas de maior intensidade poética se encontraram na Bíblia. E que os seus poetas eram precursores de um grande acontecimento e traziam ao mundo u'a mensagem misteriosa que era promessa da vinda do Esperado. Hoje não esperamos, mas como fantasmas vadeando dentro da noite sem estrelas iniciamos um retorno proustiano à procura do tempo perdido.

A poética panasiana e clássica, circunscrita ao seu racionalismo formal e inapelável, produziu, em todo o seu longo itinerário, dentro de um mundo de segurança e tranquilidade, os mais belos versos, perfumados e cheios de encantos, que foram a grande-

za e a decadência da arte da literatura do "estúpido século XIX". Contudo, só raras vezes se encontra um poema de grande intensidade poética, com aquela emotividade e aquela presença humana de um salmo de Davi.

A época da razão pura matou o sentido comunicativo da poesia pura. E, disso teve consciência o movimento simbolista impressionista, que se iniciou na França com Verlaine e Mallarmé.

Vê-se, pois, que não foi uma simples atitude literária dos "modernos" a volta da poesia pura, até certo ponto, ao "lirismo expressionista" dos versículos brancos e assimétricos do Novo Testamento, como aludiu o jovem poeta brasileiro. Foi antes de tudo a sua libertação mesma das precárias fórmulas, medidas e regras inflexíveis que lhe impusera o panasianismo. O reconhecimento, embora tardio, de que a comunicação poética não se deve subordinar a caixilhos ou figurinos standards, feitos ao arbítrio do utilitarismo. Ao contrário, deve ser como diz Keats — "um peso de imortalidade sobre o coração".

Horrorizam-se os panasianos e clássicos com a "brumósidade", o "hermetismo", esse "falar durante a noite" que vem sendo "leitmotiv" da poesia moderna. Esqueçam-se, porém, de que poesia é a comunicação do "estado de graça" do poeta, quando em um instante de "mediunidade" ele transmite a sua mensagem de beleza ou de angústia. E nela repercute o estado de sua alma em êxtase, de sua presença no sofrimento do mundo.

Nós, os novos (tome-se o termo no mesmo sentido dado pelo movimento modernista de 1923), somos uma "geração de mutilados" — como nos crismou um notável escritor francês. Não vivemos o mundo de segurança e de euforia dos panasianos. Não podemos sentir a fragrância da paisagem vigiliante, nem o fausto dos amores

românticos. Tivemos a sensibilidade acurada por duas guerras desumanas. O perfume de nossa geração é o da pólvora queimada e os seus amores a tortura da carne.

Negam-nos que falemos de beleza e que a nossa poesia possua a irradiação do humano e a fulguração do belo. Mas, se poesia é estado da alma tocada pela beleza ou pela angústia do mundo, a nossa beleza e a nossa poesia são os fantasmas perdidos na bruma de nossas esperanças desfeitas na expectativa de uma volta que não será possível.

Afirmou-se alhures — "a beleza, mesma indefinida, se define por si, ao se comunicar com a emoção". A nossa emoção é o trágico. E a emoção do homem perdido na encruzilhada do destino...

Num dramático depoimento, assim falou Marcel Arland — "... prisioneiros da inteligência se quisermos nos desembaraçar dela, é então que ela multiplicará os seus perigos e lançará ao ridículo os nossos esforços. Mais vale transigir com ela, pois não podemos passar sem ela; maldizê-la é ainda fazer uso de seus benefícios. Uma prisão aceita é apenas uma prisão".

Somos todos nós prisioneiros da inteligência, jogados como galés no porão deste mundo desarvorado, ensandecido, agonizante. Não fugiremos ao nosso dever de prisioneiros. E, para não cometermos uma fuga, que seria o nosso voltarmos para o claro — escuro de nosso subconsciente, buscando, no sentido proustiano da vida, um retorno à nossa infância morta.

Não falaremos a linguagem da razão. Transmitiremos ao mundo que está morrendo a mensagem brumosa de nossa grande angústia.

E, isto é poesia pura.



XILOGRAVURA DE LADJANE



ENCONTRO

CONTO DE SALIM MIGUEL

Olá!

Se virou rápido, alguém lhe tocando familiarmente no ombro. Mirou com atenção. Sorria, para o seu interlocutor mas ainda sem o reconhecer. Forçou a mente, tornou a forçar, pensar, pensou e nada. Em todo caso alargou mais o sorriso e retrucou:

— Olá!

— Há quanto tempo?

— A

Não queria dizer assim, duramente, que não estava reconhecendo a pessoa que lhe falava. Parecia ser tão íntimo, a mão no ombro, o sorriso de satisfação, o outro o tratava assim com um ar de confidente antigo, era impossível que não se conhecessem. Se conheciam é claro. Mas de onde? Quando? Como?

Eis a incógnita que era preciso descobrir.

— Como vais?

— Vou bem. E tu?

Não escutou a resposta. Punha os olhos no rosto, minuciava todas as expressões fisiológicas, o gesto das mãos, o corpo, a maneira de vestir, percorria com olhos percrustadores todo o homem que ali estava, à frente dele a rir mansamente remexia em todos os escaninhos do cérebro.

A voz, deve reconhecer a voz, será que eu me esqueci-

ria assim tão facilmente desses sotaques, dessa pronúncia tão forte, desses "esses" tão arrastados! E a expressão desses olhos, a maneira como eles fixam a gente, parecem nos cobrir, nos atravessar.

Com certeza o outro já adivinhou o que ele pensa, o julga um idiota ali parado com as mãos pendidas. Esse ar abobalhado. Agora o outro retirou os olhos e os deixa percorrer pela praça em frente, pela catedral, o palácio, numa casa velha, ou então acompanhando as pessoas que passam até vê-las desaparecer lá no fim da rua, longe.

— Estás há muito tempo aqui?

— Cheguei ontem.

"Cheguei ontem". As duas palavras ficam martelando, pesando no cérebro, sem dar tempo a que ele pense em mais nada. "Cheguei ontem". Nem escuta o que o outro diz. Fala, em não sei que sobre viagens, cansaço, incômodos... Que foi que ele disse agora?

— Não estás me reconhecendo, não é?

— O que?

— Estás me reconhecendo?

— É claro, como não! Díz muito depressa.

Por que mentira? Que foi que me fez agir assim? (salta

de uma ideia a outra aparentemente sem conexão). Será que o conheceu na infância? Quem sabe se não é o Juca? Impossível mudança tamanha! Em todo caso... Talvez...

Lembro-me que o Juca não tinha este ar, esse cabelo, esses olhos. Só levemente, bem levemente, quase imperceptível, o rosto no todo. Outra coisa: O Juca era caído, tímido e cresceu assim, parece-me.

— Onde estás parado?

— Em casa de minha tia.

Talvez o Saul. Tem alguma coisa de Saul, é inegável! A mania de levar o dedo à aza do nariz, o sorriso duplo. Saul, me recorde bem do dia em que brigamos. Saímos do grupo.

Até hoje não sabe porque se atrecaram. Na relva úmida, um pastinho perto da loja do seu Elias. Rolaram, se sujaram, se pisaram, o choro de ambos, limpar as lágrimas com a manga, o riso de bloco que o rodeava, livros rasgados. Três ou quatro dias depois já estavam "de bem".

— Vais ficar muito tempo?

— Estou a negócio. Conforme.

Os dois ficaram ali parados. Se olhando. Em silêncio. Um silêncio constrangido. Não

sabem o que dizer, pois não encontram nada digno de se dizer. Se miram e remiram.

Esses encontros depois de tantos anos são tão penosos e quando mais íntimo se havia sido, pior. Não se tem mais nada em comum, tudo parece tão falso, sem consistência, é um tatear que não tem fim, procura-se juntar fragmentos de lembranças, coisinhas que já esqueceremos ou que permanecem adormecidas no subconsciente, pra ser-se agradável. Como entrar porém na vida de agora se o outro nada sabe de nós e nós nada sabemos dele? É preciso que se tenha tato, para não ferir, o medo de, em qualquer opinião formada, discordar do outro, dizer algo indevido, formular pensamentos que por qualquer circunstância o outro ou terá de rebater ou calar. Terão ainda as mesmas afinidades de antes, pensarão da mesma maneira? O modo de vida que levaram, os livros que leram, os pensamentos que pensaram, não os terá feito divergir, cada qual adquirir uma concepção própria, diferente, de acordo com a maneira de viver atual a respeito de tudo! E dos tempos passados de amizade, o que deve ser recordado e o que não deve?

A gente, nesses momentos, se põe a pensar, com estranheza.

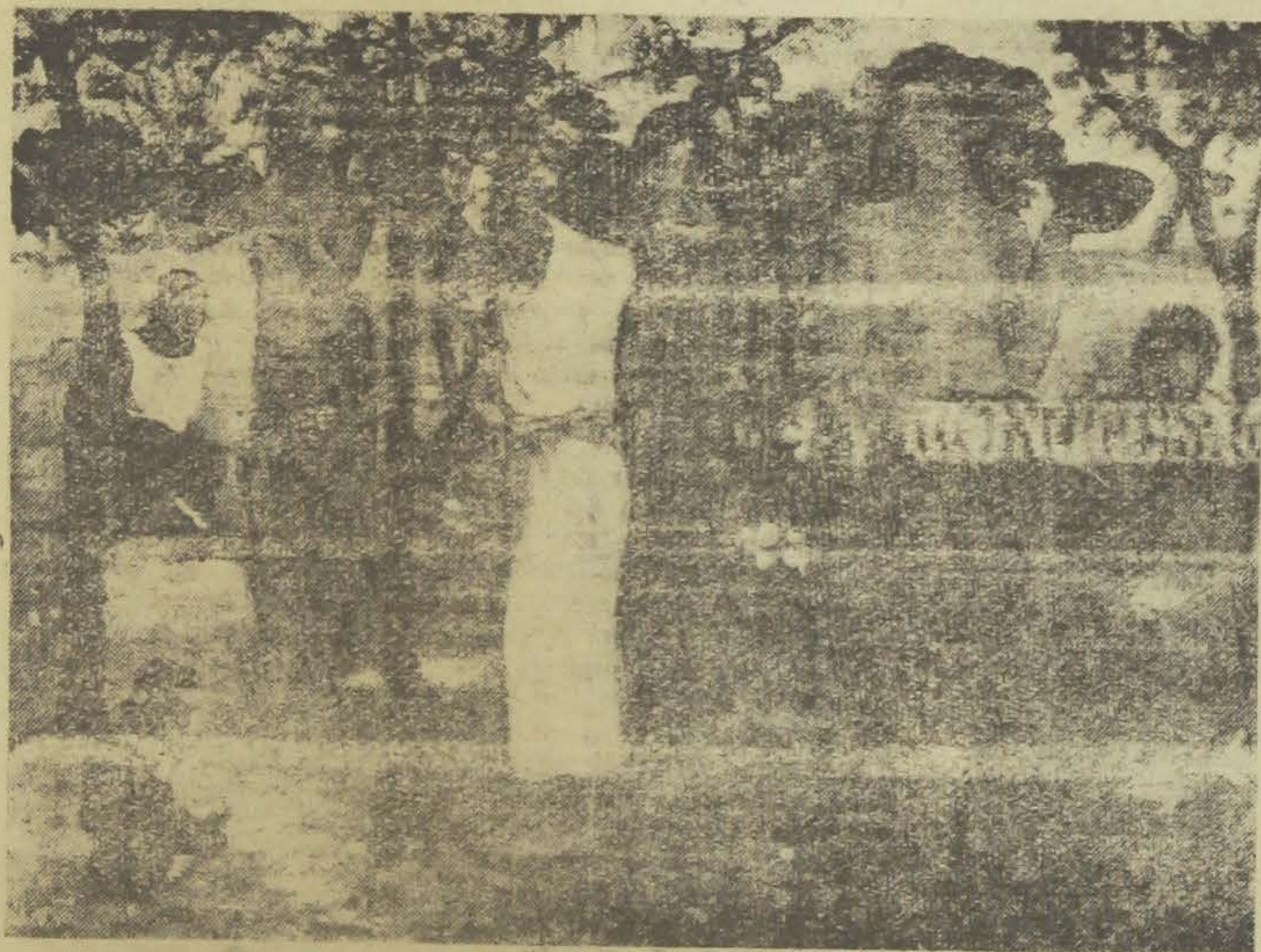
"De que é que falávamos horas a fio, antes? O que nos prendia? Será possível que tudo tenha desaparecido? A amizade que nos ligava, os sonhos, as recordações de infância, a juventude em comum nada são de tudo isto nada terá sobrado? Voltaremos algum dia a camaradagem de antes?

— Já casast?

— Estás doido!

Quem sabe se na mocidade? Pode ser. Nos tempos de estudantes se faz tantas amizades! Talvez. As vezes firmes mesmo. São os estudos, as farras, os namoros, as garotas, a descoberta, para nós, do mundo e seus encantos e seduções... Tudo isto nos prendendo aos outros, essa ânsia de falar, de extragar, de aparecer, e é quanto temos ideias geniais para tudo, ideias que julgamos serem só nossas, antes ninguém, "ninguém" afinava com ênfase pedantes, as tivera.

— Que fazes?



DIAS DELICIOSOS — Gauguin

—Trabalhando de viajante para uma firma de São Paulo E tu?

Não espera resposta. Ou não a escuta. Já está longe, tentando se lembrar, a cabeça ardendo, a vez se decifra o enigma. Será alguém que ele conheceu em suas viagens. Parece que não tem certeza que não. Olha de novo para o outro. "Sente" que o conheceu intimamente. Não sabe explicar como. Nem, e depois, sempre julgara que, ao rever um amigo seriam as efusões, os abraços, as recordações íntimas, a alegria de ambos, tanta, tanta coisa para se contarem. De longe esperara essa como frieza, esse mal estar. Pois tudo não havia passado de um simples.

— Olá!

— Olá!

O outro estava dizendo:

Lembras as nossas farras, as bebedeiras e serenatas, os bailes e mulheres, a vida alegre e despreocupada que levávamos? Como tudo então era diferente! Sabes que as vezes sinto saudades de tudo aquilo, tento fazer-me de novo

criança e depois moço, me transportar para aquela vida, sentir através nem seja por um momentinho só, a carícia mesmo daqueles maus momentos. Agora tudo me desagrada, me cansa, até o amor, tenho um desencanto enorme da vida, vejo que as coisas não eram em nada como nós mais. E no arrastão, vem rezas acho que não. Penso que elas, as coisas, eram. Nós é que não somos o que imaginávamos, nós é que mudamos, nós é que fracassamos, não as coisas, não a vida. Sabes, tudo me causa náuseas, principalmente os homens. Já viste como lutam, correm e se esfalfam em busca de dinheiro e glória! Prá que, me podes dizer?

— Não!

— Mas deixemos disso. Estou te aborrecendo, vejo.

Te lembras das brigas por causa das namoradas! Tens muitas namoradas?

— Não!

— Pois estranho. Sempre foste muito namorador.

(— Quem poderá ser que sabe da minha vida?)

— Teus pais e teus irmãos, vão bem?

Lourdes já casou?

— Vão indo. Ainda não. E os teus?

(— Não pode ser um conhecido de ocasião, senão como poderia estar tão ao par da vida de minha família. O Pedro, por exemplo, não é. Nem o Augusto. O Lauro também não. Quem será?)

Como é possível, se é um amigo de infância que esteja tão jovem, enquanto estou tão acabado?

Agora, lhe vem à mente, de embrulho, nem sabe quantas figuras de conhecidos e amigos. Parece-lhe que está diante de uma camera cinematográfica por onde vão desfilando todos os fantasmas, do passado. Estranha. E que ora surgem nitidamente, até nos mínimos detalhes, ora numa confusão enorme, envolvidos por um esquecimento que a distancia não justifica. Um tem a cabeça do outro. Os olhos deste deveriam pertencer àquele. A voz de João está em Pedro e a de Pedro em Samuel. A gargalhada cinza de Antenor, pertence ao tímido Juca. E é que figuras da infância se misturam e regra geral tem mais clareza, maior vigor e vida do que as figuras da atualidade, de ontem e hoje. No entanto, ele quer, ele precisa querer o contrário.

— Te lembras...

O outro agora fala. Parece que, afinal, conseguiu se livrar da inibição que a princípio o tolhia, e deixa-se levar pela recordação. E ri feliz, quando consegue lembrar um momento passado que, agora lhe parece ridículo. Mas no momento de realizá-lo, a tanto, tanto tempo, lhe parecerá sublime.

— te lembras...

Ele está frio, indiferente, esforça-se mas não consegue afinar com o outro (talvez não queira), ele é uma corda de violino por demais gasta e que não mais dá o tom.

— te lembras...

Na verdade, apesar de supor que não, se bem que não afinado com o outro, ele não está indiferente como julga. Simplesmente suas recordações divergem, tomam outro rumo ou, tem uma constante: saber quem é o outro.

— te lembras...

E a torrente de recordações jorra, arrubenta os diques que a tolhiam, transborda, domina tudo, avoluma-se sempre mais. E no arrastão, vem, reflete tudo a tona, para logo voltar ao fundo. O outro fala indiferente à indiferencia dele mais para si próprio, feliz com o recordar, e com poder

libertar por um momento o passado, voltar ao passado, deixar a imaginação tecer os fios do que não volta mais, retorcendo, esquecer o presente, esse presente que tanto odeia, que só desilusões lhe deu.

— te lembras...

Ele sente raiva, é que percebeu a manobra do outro, é que não quer recordar, ao mesmo tempo que quer: quer avançar e retroceder, se embrulha todo, a cabeça não gira certo, não sabe explicar o que tem. Ele esquece o passado para fazer um futuro, e o outro vem acordá-lo, revivê-lo, falar de desencanto e dor, dos sonhos desfeitos e mortos.

(Será por isso que não consegue se lembrar de quem é o outro? Talvez esteja aqui a solução do enigma. É uma defesa, pois ele sabe que reconhecendo o outro cairá no mesmo pessimismo e desencanto).

— te lembras...

E os dois ficaram ali, parados. Ele ainda tentando ser indiferente. O outro rodeado de sombras, de fantasmas, de vultos comuns aos dois, mas que só um deles consegue ver.

Às vezes julga que ele e o outro são somente ele, como se o outro fosse, não passasse de uma projeção dele surgida ali por não saber que artes é a luta eterna travada entre o velho e o novo, não no campo físico mas no campo mental, cada qual tentando se impor, mostrando a certeza de seus conceitos e a confiança na sua vitória.

— te lembras...

As duas palavras ficam vibrando, vão se avolumando, crescem enormemente, e já agora é só o que ele consegue entender, sente uma angústia, um desespero enorme, tenta destruir a si mesmo pois em verdade ele destruindo o outro vai destruir a si mesmo; talvez, quem sabe, a melhor parte de si mesmo. Porém, é preciso, nada de sentimentalismos.

Ansia de fugir, de correr dali, de perder-se, de cobrir os ouvidos, ou melhor a mente, de morrer e ressuscitar novo, lavado de tudo, puro, inocente para começar, de gritar ao outro até somente escutar o som da própria voz dominando o mundo inteiro.

— Vai-te! Não me lembro. Não quero me lembrar. Não me tentes.

— te lembras...

— Não me lembro... Não me lembro... Não me lembro...



O pintor EROS MARTIM GONÇALVES, cuja atividade é das mais brilhantes no cenário artístico do país, e que anda colhendo material para uma exposição, no Rio de Janeiro, de motivos de arte sacra, esteve na quarta-feira passada entre nós, visitando as nossas principais igrejas.



A Província, Essa Esquecida

LOPES DE ANDRADE

(CONTINUAÇÃO DO NÚMERO ANTERIOR)

Em ponto maior, esta divergência do historiador paraibano com a orientação geral, que Varnhagen tentava imprimir aos estudos históricos brasileiros, como em ponto menor, sua divergência com as tentativas de Ireneu Joffily para escrever a História da Paraíba segundo a orientação mais "geográfica" que histórica de Capistrano de Abreu — foram os fatores gerais ou externos, que levaram o dr. Maximiano Lopes Machado a escrever a "História da Província da Paraíba", hoje seu livro máximo e, sem dúvida nenhuma, o mais completo e erudito compêndio de história do nosso Estado.

Ao lado daqueles fatores gerais ou externos, porém, o dr. Maximiano Lopes teve ainda dois outros fatores particulares ou internos, que igualmente concorreram para o aparecimento de sua "História da Província da Paraíba".

E, enquanto os dois primeiros tinham nascido de impulsos negativos ou reacionais, os dois últimos iriam nascer, ao contrário, de generosos sentimentos de patriotismo e de amor aos melhores e mais esclarecidos métodos de narrar e escrever a História.

O dr. Maximiano Lopes Machado foi político, como todos sabemos, e, como político, foi revolucionário, tendo lutado de armas na mão ao lado de revoltosos "praeiros" de Pernambuco, cujo grito de revolta chegara, um

dia, até a Cidade-de-Areia, onde o historiador residia e ocupava o cargo de Juiz de Direito.

Abro aqui um ligeiro parêntesis para dizer-vos algumas palavras de elogio e glorificação à Cidade de Areia, Atenas paraibana, berço dos paraibanos mais ilustres e dos primórdios da civilização que avança para os sertões desertos. Do alto da serra, onde a fatalidade do povoamento a edificou, os espíritos dos homens contemplam os espaços infinitos e aproximam-se dos tempos pretérito e futuro. Maximiano Machado, como um Pedro Américo, um Coêlho Lisboa, o um José Américo de Almeida, haveria de sentir, no mais fundo da si mesmo, essa magia da serra, esse poder transfigurados das altitudes que, ao mesmo tempo em que no prende à realidade material da Pátria, impulsiona a inteligência dos homens para os rasgos grandiosos do heroísmo, da glória ou da santidade.

Tinha Maximiano Machado apenas 28 anos de idade quando chegou a ser ferido em combate e, de suas lutas políticas liberais, ao lado dos "praeiros", as quais lhe valeriam o exílio em sua própria terra, tendo de ocultar-se de todos para não ser feito prisioneiro, o dr. Maximiano Machado acabaria por escrever, em 1851, o seu primeiro ensaio histórico: a "História da Revolução praieira", da qual infelizmente não me foi possível encontrar nenhum exemplar.

Era, assim, o nosso primeiro historiador, também um político, que se transfigurava rápido em patrôta; e havia de ser, sobretudo, o seu patriotismo, sempre ardente e extenuado, o caminho pelo qual o dr. Maximiano Machado chegaria, afinal à História, como os pequenos rios transformados, pelo caminho, em poderosas coudais, chegam, por fim, aos grandes oceanos.

Porém, tendo chegado à História por motivos patrióticos, e sendo por natureza um espírito rebelde, o erudito paraibano não se conformaria jamais em praticá-la do mesmo modo como a encontrava seus comprouvianos praticando.

Com efeito, ele encontrava a estes, submissos todos à Corte e à certa história cortezá e inverídica, que passava "por alto a nossa organização primitiva, as fases do nosso progresso, os nossos movimentos revolucionários provocados pelos desacertos da suprema Administração, lançando um traço negro sobre o nome dos vencidos, ocultando o confisco de seus bens e o martírio do cadafalso..."

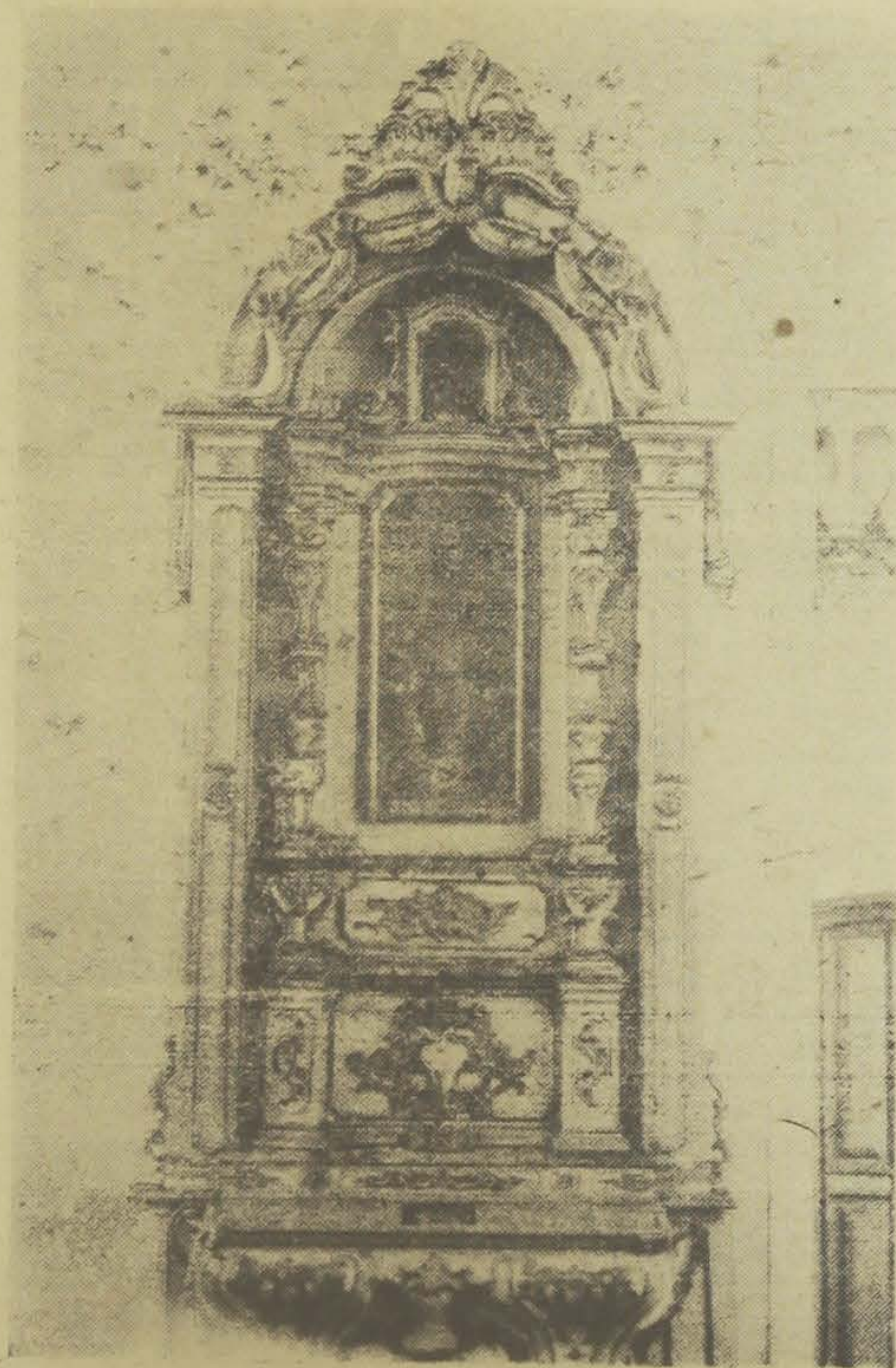
E não compoeta a uma inteligência robusta, como a sua, senão opôr, desde logo, àquela história oficial e inverídica, uma história que, não sendo, com efeito oficial, era, porém, sem dúvida nenhuma, verídica — um monumento de erudição, espírito crítico, amor e dedicação à Província!

Quatro foram, portanto, os principais fatores, segundo nossa dedução, pelos quais Maximiano Machado escreveu sua "História da Província da Paraíba".

O primeiro desses fatores era uma reação negativa contra a falsa tese varnhageana de que a nossa história comportava uma dicotomia abstrusa, segundo a qual deveríamos escrever de um lado a "História Geral" e do outro as "Histórias Parciais" do Brasil.

O segundo era ainda uma reação negativa, esta agora contra a tendência que então se esboçava de unirem-se os estudos históricos aos geográficos no interesse de ambos — união que a Maximiano Machado parecia, senão espúria, ao menos prejudicial à História, pela predominância, que então se pretendia dar aos fatos geográficos sobre os fatos históricos.

Sobre este segundo fator, seja dito aqui de passagem, o velho Maximiano, que sobradas razões tivera para se opôr ao orgulho e à falsa tese de Varnhagen, nenhuma razão tinha agora para opôr-se igualmente à aliança da



Altar de S. Benedito, na Igreja do Rosário dos Homens Pretos, em Goiânia (Século XVII)

Geografia e da História, senão possivelmente razões personalistas, vindas à tona em momentos de freqüência do erudito historiador que, após tantos anos de estudos e canseiras, via inesperadamente o jovem e trêfego campinense Iereneu Joffily, a quem iniciara no gosto pelos estudos históricos, publicar suas "Notas sobre a Paraíba", quasi arrebatando-lhe, de momento, a glória que tanto almejava, de ser fundador da historiografia paraibana.

O terceiro e quarto fatores referimo-nos a eles ainda há pouco.

Um era o inflamado patriotismo do ilustre paraibano, patriotismo que todos lhe reconheciam e que o haveria de fazer quasi que um permanente representante das coletividades com as quais vivia e de cujos interesses tratava impessoalmente com o mais elevado espírito público.

Maximiano Machado, com efeito, foi deputado duas vezes à Assembléia Provincial da Paraíba e três vezes à Assembléia Legislativa de Pernambuco, respectivamente nos biênios de 1858 a 1859 e 1860 a 1861 e de 1864 a 1865, de 1866 a 1867 e de 1869 a 1870. Ainda em 1878 ele voltava a ser deputado por Pernambuco, e, nos começos de sua vida, já havia sido Juiz Municipal de Areia e depois de Campina Grande.

E o quarto e último fator de sua obra — possivelmente aquele que mais enaltece e distingue o dr. Maximiano Lopes Machado, pois que é a pedra de toque dos seus méritos e da reputação e autoridade invejáveis que adquiriu como historiador, — foi sua paixão pela verdade imobilizada no tempo, o excepcional grau de aderência obtido pelo seu espírito aos documentos de que se faz a História, sua pachorra e seu alfarabismo que o haveriam de fazer Orador e sócio quasi perpétuo de Institutos Históricos, — sua profunda vocação, enfim, de erudito nato, tal como só o entendem os ingleses, e de que o ilustre historiador paraibano foi um dos mais interessantes espécimens em nossa Província.

Reunam-se esses quatro fatores, e acrescentem-lhes, ainda mais, a capacidade pessoal de trabalho e o elevado saber do dr. Maximiano Lopes Machado, e teremos, em síntese, os elementos fundamentais de que se originaria, afinal, a "História da Província da Paraíba" — sem dúvida nenhuma uma das obras literárias, pelas suas características de erudição e firmeza da análise histórica, de mais alto valor e amplas perspectivas que já se produziram nas Províncias do Brasil.

Eu vos falava, ainda há pouco, na análise sucinta que fazia do "provincianismo", de dois aspectos contrastantes, mas complementares, desse movimento literário:

Um: o "bovarismo", cuja denominação havíamos ido buscar nas imagens literárias de Gustave Flaubert em seu romance imortal "Madame Bovary".

E outro: o que talvez podéssemos denotar, um tanto impropriamente, de "ingenuismo" ou "inocencismo", por derivação de "Inocência", o célebre romance de Tannay, no caso de querermos continuar fazendo derivar, de uma obra literária consagrada, a denominação dos artificialismo de logística, de que aqui temos lançado mão para melhor exprimir nosso pensamento.

O "bovarismo" seria a fantasia exaltada e romântica, os mundos coloridos e brilhantes despertados no fundo de cada ser pelas angústias e os desesperos da imaginação.

O "ingenuismo" ou "inocencismo" seria a paz e o repouso do espírito, o tranquilo "estorá", de que nos falam os existencialistas kierkegaardianos, peculiar a todo o ser ainda não tocado pela angústia e o desespero do "existir autêntico".

Em Maximiano Lopes Machado, um homem das serras se completaria pela influência do mundo, o "bovarismo" e o "inocencismo" alternam-se a cada passo, e são como que o centro nervoso, ao mesmo tempo de suas agudas reações de patriota e inimigo dos Jesuítas, e de suas calmarias e pachorras de historiador e alfar-

rabista, de Juiz Municipal e Orador de Instituto Histórico.

Este seu complexo "provincianismo", que lhe possibilitava ter um pé na sua Província e outro no centro do mundo, eis o que ainda hoje torna a personalidade do velho Maximiano tão rica e fascinante como a de qualquer dos grandes historiadores da Corte ao tempo em que ele viveu.

Se nas nossas histórias literárias, e a crítica dos nossos movimentos de cultura, assim não têm considerado o historiador paraibano, é que, ontem como hoje, o brilho dos nossos valores de Província quasi não tem servido, na literatura do país, senão para realçar a opacidade dos medalhões da Metrópole.

x x x

O dr. Maximiano Lopes Machado nasceu a 7 de Agosto de 1821, na então Cidade da Paraíba, capital deste Estado. Era filho do comerciante Manoel Lopes Machado e de sua esposa d. Joaquina de Albuquerque Machado. Iniciando seus estudos num convento de padres em Recife, já em 1840 o vamos encontrar matriculado na Faculdade de Direito de Olinda. Concluído o curso de bacharel em ciências jurídicas e sociais, o Governo Imperial nomeava-o, em seguida, Promotor Público da velha Cidade pernambucana e oí em 1847 era nomeado Juiz Municipal de Areia, cargo que exerceu cumulativamente com o de Delegado de Polícia. No desempenho destas funções o foi encontrar uma coluna de revolucionários da Rebelião Praieira, tendo o dr. Maximiano Machado abandonado seus dois cargos públicos e aderido aos revoltosos. Derrotados estes, o nosso entusiástico patriota teve de foragir-se por dois anos, durante os quais escreveu uma "História da Revolução Praieira", em que acabava de participar. Mudou nesta época sua residência para a cidade vizinha de Areia, Campina Grande. De 1858 a 1861, como já dissemos, foi deputado provincial na Paraíba. No ano seguinte já o nosso herói mudava-se para o Recife, onde dídourse à advocacia e voltava, outra vez, a fazer política. Era logo depois nomeado lente da Escola Normal daquela Capital e eleito sócio de seu Instituto Histórico e Geográfico. De 1864 a 1869, como também já referimos atrás, elegia-se deputado à Assembléia pernambucana. Em 1878 era outra vez eleito deputado por Pernambuco, tendo daí em diante, até sua morte, em Fevereiro de 1895, se dedicado quasi que exclusivamente a pesquisar documentos históricos e a completar sua "História da Província da Paraíba", cuja composição iniciara antes e ainda não pudera terminar. Teve longa vida, agitada e cheia de triunfos não aro amargos e pouco compensadores de seus esforços. Para completar seu perfil humano e pessoal, é meu pensamento coligir dados de sua íntima e de família, dos quais terei oportunidade de dar notícia em outra ocasião, pois que na ocasião presente isto não foi, de modo nenhum, possível.

x x x

O dr. Maximiano Lopes Machado foi, como acabamos de ver, um provinciano que não saiu de sua Província, senão para residir em outra Província. No decorrer deste trabalho muitas vezes me perguntei como ele conseguiu realizar um empreendimento cultural que, pelas suas características eruditas e implicações metodológicas, estava muito acima do tempo e do espaço provincianos em que foi produzido.

O panorama literário brasileiro, na época em que o dr. Maximiano Machado intelectualmente se movimentava, isto é, de 1821 a 1895, era, de acordo com as divisões estabelecidas pelas nossas histórias de Literatura, o do Romantismo.

(CONTINUA)

SOBRE POESIA

ANTONIO GIRÃO BARROSO

UM poema é como tudo que se desenvolve dentro do homem, no mais íntimo do seu ser; é como um sentimento de simpatia ou antipatia, de amor ou de ódio. E há-de ter sempre uma causa, que pode muito bem ser remota, embora despertada de repente, do seu sono quasi letárgico. Num dado momento, o poeta é levado a escrever qualquer coisa. Toma do papel e da caneta (ou do lápis, ou da máquina de escrever) e grava a primeira palavra de um verso. E quando o poema sai dele, como o fruto sai da árvore e a criança sai do ventre da mulher. Mas não há nenhuma dor aí, há antes um movimento de satisfação quasi sem angústia, porque o poeta está se realizando como tal. O poema é, na verdade, o seu ideal, porque é o seu encontro consigo mesmo.

Mas existe um mundo de

outras coisas a ser investigadas. Uma delas é a influência (literária ou não) que o poeta recebe e que sempre aparece no poema. Como todo homem, o poeta é um ser complexo, capaz de influir e de ser influenciado. Mas a sua atitude maior é a de perplexidade (de espera) diante do poema por fazer. Este constitui a sua maior ansia, e é busca e achado ao mesmo tempo, quando chega o momento de brotar das entranhas do poeta.

x x x

Alguém quis, certa vez, definir a poesia. E o máximo que encontrou para dizer foi a palavra *mais*, que se devia acrescentar a alguma coisa, por sua vez quasi indefinível. Isso serve para colocar o problema da poesia bem à distância daquele que se refere à técnica. Porque uma coisa é a poesia, outra o verso. Se bem se possa

aceitar seja este o veículo por excelência da poesia. A questão da rima e da métrica, por exemplo, tem a ver somente com o verso, e nada com a poesia, que deixa ou não de existir no verso, qualquer que sejam as suas características. Daí por que podemos passar a vida fazendo versos sem nunca fazer poesia. Porque, voltando àquela tentativa de definição, a poesia é sempre um *mais*, um *plus*, que se acrescenta a alguma coisa. E quando não há isso, no verso, há somente verso sem poesia. Os exemplos se contam aos milhares.

x x x

Devia-se escrever um estudo de aprofundamento em torno da sub-poesia. Assim como há ambientes poéticos e ambientes sub-poéticos. Um pôr de sol, por exemplo, tão decantado aliás pelos sub-poetas,

é o tipo do ambiente sub-poético. Mas, aqui surge outro problema: um poeta pode tornar perfeitamente poético um pôr de sol, que é por natureza sub-poético.

x x x

De todas as artes, talvez seja o Cinema a que mais se aproxima da poesia. Se bem haja grandes obras cinematográficas que não contêm nada de poesia. "Cidadão Kane" tem muito pouco de poesia (uma ou outra cena, como a do trenó no campo de neve, por exemplo) e quasi tudo de cinema. O assunto é, assim, bastante complexo.

x x x

A poesia é, realmente, incomunicável. O poeta é que às vezes faz um esforço de comunicação. Porém ele próprio, não raro, é incapaz de entender o que escreveu. Mas, nem por isso o poema perde em autenticidade.

GRAHAM GREENE

(Conclusão da última página)

tério religioso que os percorre e os informa. O que há é que, embora católico (sentimo-nos aqui tentados a dizer: porque é católico), Graham Greene não é aquilo que se convencionou chamar um romancista "edificante". Olhado sob tal aspecto, "The Power and the Glory" seria um escândalo para certos espíritos. Os dois padres que aparecem nas suas páginas são indignos e estabelecem um angustioso contraste com o ateísmo viril do tenente de polícia, cujo ódio à Igreja se reveste da mesma metafísica grandeza e — ousemos dizer — da mesma "simpatia" que caracterizam Pinkie, o jovem criminoso de "Brighton Rock". Mas é aí que vemos iluminar-se o plano religioso no qual se situam os romances de Greene. — "religioso" e não simplesmente "moral".

Dizemos "simplesmente"

porque não é possível excluir o sentido moral dos atos humanos. E, como católico, Graham Greene tem plena consciência dessas hierarquias. Trata-se, com efeito, não de uma exclusão, mas de uma ordem hierárquica. A força e a grandeza de Greene repousam neste como "dépassément" do "ethos" em busca do "logos", fazendo-nos mergulhar no mistério da Graça; ou ainda, sob um outro aspecto, do conflito entre a justiça e a misericórdia.

A fim de nos comunicar ou transmitir estas dramáticas realidades é que Graham Greene nos oferece tantos paradoxos perturbadores, como o desespero e o suicídio de um Scobie em "The Heart of the Matter", a sua última novela, e o martírio do padre clandes-

tino e sem nome, o "Whisky Father" de "The Power and the Glory", sem dúvida a sua obra prima. Mas, enquanto permanecem obscuras a projeção eterna do gesto desesperado de Scobie e a própria significação das circunstâncias que o motivaram, o paradoxo do padre pusilânime e bêbedo, que morre sem receber a absolvição dos seus pecados morais, mas que reprodut, mais do que isso, se identifica com o próprio Cristo, na sua agonia e no seu martírio, — é perfeitamente claro. Este mau padre, mergulhado nos maiores objeções, ao qual se colaram o ridículo, o desprezo e o escândalo gerais, traiu a todas as suas promessas, mas não traiu a sua missão. Nem sequer pode traí-la. Há qualquer coisa maior do que ele,

maior do que a sua própria indignidade. Apavorado ante a perspectiva iminente do sofrimento físico e da morte, caçado como uma fera, após ver-se livre dos seus perseguidores inflexíveis, é chamado ("vocalus") e atende a esse apelo, embora saiba o que o espera. Judas (o "mestizo") vem buscá-lo e o acompanha. Uma súbita tranquilidade se apodera do sacerdote deshonrado e covarde: "Façamos isto depressa!" Se em "The Power and the Glory" existe aquilo que se convencionou chamar de "tese central", ela será representada pelas palavras: "Tu es sacerdos in aeternum".

Quanto à parte final deste mistério da Vocação, da Graça e da Liberdade, ela é inteiramente de Deus, a Quem pertencem não apenas o Reino, o Poder e a Glória, como também o "absurdo" de um desmesurado Amor.

GRAHAM GREENE

WILLY LEWIN

PARA o crítico paulista Alcântara Silveira, o valor da obra de Graham Greene existe independentemente da religião. O comentário é parcialmente justo, isto é, enquanto se refere apenas ao extraordinário "craftsmanship" deste romancista inglês, cujo domínio dos seus meios técnicos ou instrumentais e cuja habilidade em arquitetar "plots" palpitantes fizeram com que os seus livros ultrapassassem, em poucos anos, os círculos "highbrow" e atingissem ao terreno de uma popularidade enorme logo traduzida por numerosas adaptações cinematográficas, primeiros lugares nas estatísticas de "best-sellers" e, por fim, edições sucessivas de "Penguin" e "Pocket Books".

Sob este ângulo, não resta a menor dúvida: os romances de Greene existem independentemente da religião. Mas, se como tudo indica, é-nos lícito mencionar a grandeza e não apenas a habilidade ou a técnica deste escritor, se desejarmos rasgar o véu dos seus "thrillers" e decifrar o enigma dos seus símbolos, veremos então que sem a luz da transcendência religiosa estes símbolos não se esclarecem.

Símbolo é aqui uma palavra que se aplica com absoluto rigor. Toda a obra de Graham Greene se entumescce de símbolos, cuja presença é que empresta peso, medida e densidade aos seus personagens e às suas situações. Alguns são claros como a correspondência entre Judas e o "mestizo" de "The Power and the Glory". Outros são mais obscuros, ou mais complexos, como as figuras femininas, o próprio tipo de romance "policial" ou de "peripécias", geral-

mente escolhido pelo autor, as figuras dos defensores da "ordem" ou as de um Colleoni e de um Krogh, respectivamente em "Brighton Rock" e "England Made Me" — representantes do mundo do poder e do dinheiro, através dos quais poderiam alguns classificar o romancista católico inglês como tendente à crítica ou ao panfleto "social". E com efeito, a exem-

plo do que sucede com os seus "plots" cinematográficos ou policiais, a Greene caberia uma certa responsabilidade de nos fornecer elementos capazes de justificar mais esta diminuição da verdadeiro sentido de sua obra.

O mais certo seria dizer que neste descendente de Robert Louis Stevenson — um romancista de "raça", empregando-se a expres-

são com todo o rigor — a força e a profundidade se aliam, de modo raro, ao brilho. Mas, se Greene autor de "thrillers" é um fato, Greene romancista de "crítica social" — seria apenas um equívoco. Em Colleoni e Krogh, como já vimos, encontramos o símbolo da fria crueldade do mundo do poder material, do conforto e do dinheiro. Mas não são estes "demônios" particulares ou individuais que importam afinal para Greene. O que lhe importa é o demônio autêntico, o tecnológico; a presença, quase sempre despercebida, ignota, do Mal nesta terra.

O romancista "social" solucionaria o problema propondo-nos, ou pelo menos sugerindo-nos um mundo em que a justiça se imporia pela eliminação desses "ricos" ou de suas riquezas. Greene, porém, é absolutamente claro. "We have facts, too we don't try to alter — that the world's unhappy whether you are rich or poor — unless you are a Saint, and there aren't many of those", — diz o padre de "The Power and the Glory" ao tenente de polícia que o aprisionou e vai ordenar o seu fuzilamento em nome da "justiça social" e de acordo com o seu ideal sincero de acabar com o sofrimento dos pobres.

Aqui voltamos ao tema central destas notas. O catolicismo de Graham Greene é o elemento por excelência capaz de nos fornecer a medida de grandeza, o sentido dos seus extraordinários romances. Melhor dito: estes romances, por mais bem escritos, por mais "palpitantes" que sejam, só são "extraordinários" pela sua significação católica, ou seja pelo mis-

(Conclui na página 15)



ESTUDO DE HERMANO JOSÉ